

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ELENIR DE FÁTIMA ZANARDI

**A AUTONOMIA DA CRIANÇA DE 0 A 3 ANOS**

AMERICANA  
2008

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ELENIR DE FÁTIMA ZANARDI

**A AUTONOMIA DA CRIANÇA DE 0 A 3 ANOS**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

AMERICANA  
2008

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Z15a	<p>Zanardi, Elenir de Fátima.</p> <p>A autonomia da criança de 0 a 3 anos: memorial de formação / Elenir de Fátima Zanardi. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).</p> <p>1. Trabalho de conclusão de curso. 2 Memorial. 3 Experiência de vida. 4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. II. Título.</p> <p>08-352-BFE</p>
------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>01</b>
<b>1 – HISTÓRIA DE VIDA</b>	<b>02</b>
<b>2 – UMA PROFESSORA EM CONSTRUÇÃO</b>	<b>06</b>
<b>3 – A CRIANÇA PEQUENA E A AUTONOMIA</b>	<b>10</b>
<b>4 – AS CONTRIBUIÇÕES DA FACULDADE</b>	<b>14</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>17</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>20</b>

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço imensamente à minha família, que muito me apoiou para a concretização desse sonho. Faço menção à minha mãe, que foi meu braço direito quando supriu a minha ausência quando meus filhos me solicitavam.

Ao Júnior, que foi o homem da casa...

E, ao Gilmar, que me motivou a sair do marasmo e me mandou ir à luta: eu fui!

## APRESENTAÇÃO

Apresento este Memorial de Formação como a escrita que pode falar sobre meu compromisso com a educação de crianças pequenas, minha trajetória profissional e meu desenvolvimento pessoal, já que nos construímos pessoalmente na medida que nos construímos profissionalmente, e vice-versa.

Não tenho aqui, a pretensão de escrever tudo o que aprendi no decorrer deste curso de Pedagogia, já que meu aprendizado vai além das leituras, das discussões, das aulas magnas. Aprendi com a postura de cada Professor Assistente Pedagógico, com a relação entre eles e a relação entre nós... Aprendi com minhas colegas de sala, com os horários de intervalo, até mesmo nas conversas da Van escolar...

Descrevo um pouco da minha vida, das minhas impressões sobre a escola enquanto era menina, sobre minha vida profissional, de como iniciou essa construção da professora que aqui escreve. Relato meus anseios e preocupações que cercam minha “vida de professora”, como acredito auxiliar a criança em sua construção da autonomia, já que são crianças pequenas.

Reflico sobre o grande desafio de ser professora de creche: propiciar a construção da autonomia da criança pequena. Sobre como não ser exaustivamente rígida, rigorosa e também não correr o risco tornar minha aula caótica. Fazer com que a criança pequena tenha empatia pela outra é um feito um tanto raro, sabemos. Mas, permitir que essa criança pequena, que é egocêntrica se torne egoísta?! Não, eu nunca permitiria... Sei que falhei em muitas tentativas, por outro lado, nunca deixei de tentar...

Relato como o curso superior – PROESF<sup>1</sup> – me ajudou a encontrar o caminho certo para o desenvolvimento do meu trabalho docente. Este memorial está organizado em 4 capítulos, que destacam as memórias da infância, as memórias do início da minha carreira, o cotidiano da creche, algumas das contribuições que o PROESF me trouxe e, por fim, reflito sobre como essa minha trajetória se desenvolveu positivamente, a partir das leituras, da pesquisa e da minha postura estudante.

---

<sup>1</sup> Programa Especial para Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas.

## 1- HISTÓRIA DE VIDA

Confesso que nunca pensei em ser professora, não tive tempo de pensar...

Nasci em Jales, cidade do interior do Estado de São Paulo, vim com os meus pais para a cidade de Americana-SP quando tinha ainda dois anos de idade. Tive uma infância feliz; meu pai trabalhava como pedreiro e minha mãe era empregada doméstica, meu único irmão – Euclídio teve problemas mentais devido a um suposto erro médico.

Como toda criança pobre, brincava com brinquedos que eu e meu irmão “inventávamos”: balanço de corda na árvore, bola de meia para jogar queimada, uma boneca que durou toda a infância, além da dedicação que despendia o meu irmão que dependia muito de mim para não ser enganado, ser motivo de chacota, etc.

Infelizmente, a infância foi curta. Já aos doze anos de idade saí para trabalhar como empregada doméstica e, com catorze anos trabalhava no comércio da cidade como balconista de uma loja de roupas. A escola não me marcou, em nada! Lembro-me de ser alfabetizada, de fazer grandes amigos naquele espaço, de ver minha mãe encapando meus cadernos a cada começo de ano. Mas, não lembro de enxergar a professora como modelo de mulher, de profissão... Refletindo sobre essa fase da minha vida que seria a mais importante, percebo que tudo se deu de forma tão mecânica que não pude enxergar um ser humano atrás de cada um dos professores de minha infância.

Em meu tempo de criança, a escola de Educação Infantil era um privilégio de poucos e eu não fui privilegiada... Ingressei diretamente na 1ª série do 1º grau, na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau “Prof.a. Olympia Barth de Oliveira”, no bairro onde morei toda a minha vida. Naquela época, estava em vigor a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 5.692 de 1971... Essa LDB atribuía à educação infantil o nome de jardim-de-infância ou escolas maternais, além de considerá-la facultativa. Ainda, não garante o dever do Estado em propiciar a educação de crianças menores de sete anos.

Em seu texto, Moysés Kuhlmann Jr. explica que, por isso:

A perspectiva de oferta de uma educação infantil de qualidade passa a ser considerada uma tendência elitista diante da falta de recursos, os programas de emergência adentram o sistema educacional. Renova-se a também secular proposta da assistência científica, que isola as crianças pobres em instituições conformadas por uma pedagogia da submissão, que considera que elas não precisam de tudo aquilo que se diz quando se fala na educação das outras crianças. (2000: p. 490)

Lembro-me bem do parque infantil Itaipu, ficava no bairro que eu morava, mas era bem afastado da minha casa. Quando passava por lá, via as crianças brincando – todas de uniforme em xadrez vermelho e branco – observava com fascínio. Mas não me sentia uma criança frustrada por isso, já que tinha tantas brincadeiras interessantes lá na minha rua.

Quando ingressei na 1ª série do 1º grau, percebi que todos os meus colegas também tiveram seu primeiro contato com a educação ali, junto comigo na “Olympia”.

Hoje em dia, aquelas crianças que freqüentavam o “parquinho” são nomes conhecidos na cidade: uns são dentistas, outros médicos, empresários, todos com sobrenomes ilustres. Já, a turminha que saiu da 8ª série comigo lá na “Olympia” tiveram destinos bem diferentes: uns conseguiram, por muito esforço, estudar até o nível superior e alcançar uma vida financeira confortável, outros fizeram somente o 2º grau e trabalham no comércio da cidade, ou são industriários, autônomos e daí por diante.

Assim cresci, alternando a escola com brincadeiras, com os amigos da rua, com afazeres de casa, com o cuidado com meu irmão... Logo já me sentia sufocada com a vida cheia de responsabilidades, ainda mais que, minha mãe precisou trabalhar fora quando eu tinha nove anos. O cuidado com o meu irmão tornara-se uma grande responsabilidade que eu tinha de assumir... eu sofria muito, porque meu irmão era maior que eu, às vezes ele ficava agressivo e eu corria para casa dos vizinhos.

Pedia para que minha mãe parasse de trabalhar, mas a nossa situação financeira não era muito favorável. Mas, aos doze anos, eu comecei a trabalhar como empregada doméstica em uma casa, e conseqüentemente não precisava cuidar do meu irmão, então me senti mais aliviada.

Naquela época eu estava cursando a 6ª série e, como era comum o trabalho infantil, a escola oferecia o período noturno para quem quisesse freqüentar (de 5ª à 8ª série). Foi assim que terminei o 1º grau, trabalhando durante o dia e freqüentando a escola à noite. Aos quinze anos, consegui um emprego como balconista, em uma loja do centro da cidade e parei com meus estudos. Existia uma cultura naquela época de que, estudar demais era bobagem, coisa de riquinho. Nós, pobres, tínhamos que trabalhar na indústria, no comércio, nas casas de família e, para isso, não existia nenhuma escolaridade exigida, somente o fato de sermos alfabetizados.

Em meio a essa trajetória, conheci o rapaz que me pediu em casamento quando eu tinha dezesseis anos. Na época, minha mãe ficou aliviada por saber que sua filha estava encaminhada (as mães temiam que suas filhas não casassem e não conseguissem

manter-se financeiramente no futuro). Confesso que não morria de amores pelo rapaz, mas todos diziam que o amor tratava-se de convivência: uma adolescente de dezesseis anos casa-se com um rapaz de vinte e cinco anos e se conforma à vida de dona-de-casa.

Com dezessete anos tive meu primeiro filho, o Júnior. Dediquei-me a doce missão materna, cuidava daquele bebê com todo o carinho que uma mãe pode despende. Mas a vida conjugal não estava nada bem... Discutíamos muito, por motivos banais. Ele dizia explicitamente que tinha se arrependido de ter se casado comigo, a recíproca era a mesma.

Estava amargamente arrependida: arrependida por ter me casado com aquele desconhecido, já que não partilhava com ele nada do que considerava íntimo, arrependida por ter parado de trabalhar, arrependida por ter desistido de estudar. Já tinha me sacrificado tanto para estudar até a 8ª série, por que não me esforcei para continuar e concluir o 2º grau? Eu me torturava todo dia por essas atitudes tomadas.

Então, decidi que precisava buscar meu próprio caminho, percebi que aquele tipo de vida não bastaria para mim e que poderia fazer a diferença: arregacei as mangas e fui trabalhar fora de casa. Naquela época, os concursos públicos eram muito fáceis de ser aprovado, porque ninguém queria ser funcionário público – dois fatores contribuía para essa situação: o salário pago pela prefeitura era muito baixo, as indústrias estavam em expansão na cidade e, todos preferiam tentar a carreira industrial. Prestei concurso para Auxiliar de Desenvolvimento Infantil da Prefeitura Municipal de Americana e, com vinte e um anos, estava trabalhando nessa função.

No mesmo período, voltei a estudar. Trabalhava durante o dia e a noite cursava o 2º grau. Meu casamento pode se estabilizar, já que agora estava trazendo dinheiro para casa e isso era confortável.

Naquele tempo, não era exigido nenhuma formação específica para o ingresso nessa profissão. Por isso, não imaginei que trabalhar em creche tivesse alguma coisa a ver com educação, nem que estaria dando o primeiro passo para me tornar uma professora.

## 2- UMA PROFESSORA EM CONSTRUÇÃO

Ser Auxiliar de Desenvolvimento Infantil (ADI) implicava em cuidar do bem estar físico da criança na creche. Eu cuidava do banho, ministrava medicamentos conforme a necessidade, cortava as unhas, observava a higiene capilar por causa dos piolhos, etc. Naquele tempo, as creches pertenciam a Secretaria de Promoção Social do município e a principal meta da creche era cuidar dos filhos de mães trabalhadoras.

Como muito bem ressaltou Anete Abramowicz (2004): “no Brasil, as pré-escolas designam escolas de crianças pequenas e de uma classe social com mais possibilidades econômicas e as creches são equipamentos destinados às crianças pobres e às classes populares”. (p. 14)

Era assim a dinâmica da creche: para conseguir matricular seu filho, a mãe precisava comprovar que trabalhava e, recebia a visita de uma assistente social que averiguava a real necessidade da mãe trabalhar.

A instrução que recebíamos era somente quanto ao cuidado com a criança, assistíamos a palestras com fisioterapeutas, pediatras, enfermeiros e dentistas. Sempre gostei de trabalhar na creche e nunca me importei em cortar unha, dar banho... Mas sentia que faltava outro aspecto naquela instituição, o aspecto educacional. As crianças aprendiam muito conosco, aprendiam a falar na creche, seus primeiros passos eram dados ali, seus primeiros amigos, suas primeiras brincadeiras...

A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 20 de dezembro de 1996, as creches passaram a ser responsabilidade da Secretaria da Educação. A Prefeitura Municipal de Americana promoveu alguns cursos para nos inteirar das mudanças, participávamos de reuniões pedagógicas a fim de nos conscientizar do trabalho educacional que exercíamos nas creches.

Começamos, também, a planejar as atividades, a registrar o dia em caderno, também cumpríamos as horas-atividades – que eram destinadas para planejar a semana, enfeitar a escola, debater sobre as dúvidas que não paravam de ocorrer, etc. Nesse contexto, a motivação da nossa categoria em se especializar foi redundante.

Comecei a perceber que poderia fazer muita diferença na vida daquelas crianças, que seria totalmente viável educar ao mesmo tempo em que cuidava, comecei a enxergar-me como educadora, como professora e não mais como uma babá.

A sensação de exercer a função de professora nos motiva a estudar, a pesquisar...

A respeito da profissão de educadora de primeira infância, Susanna Mantovani e Rita Montoli Perani (1999) contribuem ao atentar sobre alguns aspectos dessa função, no estudo de caso em que fizeram apontam que o objetivo do projeto de formação professores de creche na Itália, os habilitava a atuar em qualquer tipo de serviço destinado à criança pequena. Além disso, trazem algumas considerações que me permitiram refletir sobre a minha função. Em pouco tempo, percebi que aquelas reuniões mensais não davam conta de abarcar tudo o que precisava como suporte para desenvolver um trabalho de qualidade. Então, decidi me matricular em um curso de Magistério e em 2001 estava participando de um curso à distância.

Esse curso foi muito bom, já que trazia em seu conteúdo programático o estudo de autores importantíssimos para o trabalho com crianças pequenas, como Jean Piaget, Lev Vigotski, Henry Wallon, John Dewey entre outros.

Além disso, a possibilidade de fazer um estágio no papel de estudante me trouxe um novo olhar sobre a escola. Consegui perceber melhor a dinâmica da escola como um todo e, não só a minha sala de aula.

Quando terminei o curso do Magistério, tive a oportunidade de me ingressar no curso superior no Programa Especial de Formação de Professores em Exercício (PROESF) da UNICAMP. Sabia que, a partir desse momento, a minha construção como professora seria ampliada, modificada, restaurada... De fato, assim aconteceu!

O curso me auxiliou muito, no que diz respeito a minha conduta pessoal, já que repensei minha prática, meus conceitos, meus valores... Na medida em que me deparei com autores que tratam da Filosofia, da História da Educação, da Sociologia e das Metodologias de trabalho pedagógico. Não que o curso de Magistério não os tenham abordado, mas as discussões em sala de aula foram muito enriquecedoras, porque nos faz enxergar o que está por trás de nossa postura, como funciona a ideologia em nossas vidas, em nossas conversas, em nosso cotidiano.

Enquanto refletia sobre o tema para o desenvolvimento de meu Memorial de Formação, atentei para uma preocupação que sempre fez parte da minha carreira... Sempre tive o pensamento cristão “ensina a criança no caminho em que se deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele” (BÍBLIA SAGRADA, 1993, Pv 22:6, p.654); mas não imaginava como a Pedagogia tratava esse aspecto educacional. Até que percebi, nas leituras efetuadas na faculdade que se tratava da criança respeitar o outro e as regras por si só, tratava-se do desenvolvimento da autonomia da criança.

Nunca tive a pretensão de *moralizar* as crianças, como se eu fosse a única detentora da moral. Esta preocupação não é recente, Philippe Ariès (1981) critica como era a intenção de educar a moral da criança no século XVII, quando o adulto julgava-se o detentor exclusivo da moral:

Tentava-se penetrar na mentalidade das crianças para melhor adaptar a seu nível os métodos de educação. Pois as pessoas se preocupavam muito com as crianças, consideradas testemunhos da inocência batismal, semelhantes aos anjos e próximas a Cristo, que as havia amado. Mas esse interesse impunha que se desenvolvesse nas crianças uma razão ainda frágil e que se fizesse delas homens racionais e cristãos.(1981: p. 163)

Existe também o relato de Moisés Kuhllmann Jr. (2000) sobre a intenção dos jardins-de-infância criados no Brasil no começo do século passado: “o jardim-de-infância cumpriria um papel de ‘moralização’ da cultura infantil, na perspectiva de educar para o controle da vida social” (KUHLMANN JR., 2000: p. 475-476).

Ao contrário, sempre acreditei que as crianças precisam ter noções de solidariedade, respeito mútuo, tolerância às diferenças... De acordo com Tomaz Tadeu da Silva (s/d), é preciso ensinar a crianças pequenas que, o que é diferente não é *malvado*, que o outro precisa ser respeitado. Assumi esse desafio, principalmente porque: “o outro cultural é sempre um problema, pois coloca permanentemente em xeque nossa própria identidade. A questão da identidade, da diferença e do outro é um problema social ao mesmo tempo que é um problema pedagógico e curricular”. (SILVA, mimeo: p. 97)

Também Sônia Kramer nos remete a essa questão, de uma forma mais ampla quando afirma: “a humanidade não conseguiu superar o problema que está na origem dos grandes crimes cometidos contra a vida (...) na origem dos genocídios: a dificuldade de aceitar que somos feitos de pluralidade, que somos constituídos na diferença” (mimeo, s/d: p. 93).

Por isso, o meu desafio também consiste em ajudar desde já, as crianças a superarem essa dificuldade em aceitar o outro, o diferente. Entender que, o fato de meu pai me comprar o sapato da moda e o pai do meu coleguinha não despender de recursos para fazê-lo, não faz do meu coleguinha alguém mau, chato, bobo (como as crianças costumam dizer). Entender tudo isso, além de perceber que preciso do outro para formar o coletivo. Conseguir abstrair essas idéias por si só, constituem a autonomia da criança pequena, da qual prezo pela construção plena, sem “rachaduras”, “bem prumadas”.

### 3. A CRIANÇA PEQUENA E A AUTONOMIA

Em Americana-SP, a educação infantil é oferecida a crianças de zero a três anos e meio em creches, também a crianças de três anos e meio a seis anos em Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI); existem também algumas instituições municipais que atendem essas duas etapas que compreende a educação infantil: são as chamadas Casas da Criança – onde eu trabalho, é uma Casa da Criança.

A primeira etapa da educação infantil – creche – é organizada da seguinte maneira: Berçário I, grupo composto por oito crianças, com faixa etária de quatro meses a um ano; Berçário II, grupo composto por doze crianças, com faixa etária de um ano e um mês a um ano e onze meses; Berçário III, grupo composto por catorze crianças, com faixa etária de dois anos a dois anos e seis meses; Maternal I, grupo composto por vinte crianças, com faixa etária de dois anos e sete meses a dois anos e onze meses; e por fim, Maternal II, grupo composto por vinte e cinco crianças, com faixa etária de três anos a três e seis meses.

Trabalho com as crianças do Berçário II. São crianças que estão descobrindo o outro, são egocêntricas, brincam no mesmo espaço, mas cada uma com seu brinquedo. São muito comuns, nesse contexto, as brigas e mordidas, as disputas pelo brinquedo e pela atenção da professora. Certa vez um menino mordeu outro coleguinha no rosto, a mordida foi tão forte que sangrou... Que confusão! A mãe do garoto mordido queria saber quem era o *pit bull* que tinha feito aquela crueldade. Além do mal-estar entre eu e a mãe dos meninos, já que eu tive que avisar à mãe do garoto que mordeu (ela entendeu que eu queria culpá-la e foi muito hostil comigo).

O mal-estar gerado entre as mães e eu passou, o mal-estar entre a diretora e eu também passou, as crianças estavam brincando juntas no mesmo dia, logo após a mordida... As crianças não deixam de se gostar por causa de uma briga, de um tapa, de uma mordida. Mas a minha inquietação, como sempre, ficou (não foi a primeira vez que esse tipo de situação aconteceu comigo, na creche). Como a criança poderá compreender que não é preciso morder o outro por causa de um brinquedo? Que postura deve ser adotada pela professora?

Minha postura diante dessas situações, sempre foi a de ficar zangada com a criança, separá-la do grupo e socorrer a criança que sofrera a mordida ou o beliscão, arranhão, etc. Mas, a impressão que eu tinha era a de agir como uma vingadora, pois a

criança que mordera chorava inconsolavelmente, como se eu estivesse cometendo a maior injustiça do mundo... E estava!

Eu sempre me irritava por não conseguir lidar com essa situação. Mesmo porque trabalhei com crianças de três anos, no Maternal II e a situação era sempre a mesma: disputas, brigas, egocentrismo... Cheguei a acreditar que as crianças eram genuinamente más, por isso tinha uma postura autoritária: definia as regras de convivência da sala e impunha-as com afinco.

Ficava, também, muito intrigada quando percebia que essas crianças não se compadeciam da dor do outro. Por exemplo: quando íamos ao parque e uma das crianças caía e se machucava, as outras crianças não demonstravam nenhum interesse em ajudar o colega a se levantar, nem mesmo em perguntar o que aconteceu... Já vi uma criança chutar a outra que caiu. Puxa, como ficava triste com essas cenas! Mais uma vez eu ralhava com esses “malvadinhos” e gerava um silencioso mal-estar.

Percebia que as crianças, desde pequenas, são capazes de mostrar preconceito, de discriminar, de excluir. Quando percebem que, um dos colegas não tem uma bolsa da “Hot Wells”, do “Shrek”, da “Barbie” ou da “Hello Kity”, quando um deles não vem à escola com um calçado da moda, quando sua blusa não tem estampado o personagem do desenho animado, esse colega sofre discriminação. As crianças insistem em repetir para esse colega: “- Você não tem o tênis do Homem-Aranha, eu tenho!” e outras coisas desse tipo. Nessas horas, eu confesso que ficava perdida, sem saída. Como acabar com esse tipo de constrangimento, trazendo às crianças o sentido de ser solidário, ser cooperador, ser amigo era um desafio que precisava superar.

Felizmente, entendi que a minha postura era indiscutivelmente errada. Conversando com a diretora da creche onde trabalho, a Milene, ela me sugeriu que eu fizesse algumas leituras sobre a teoria interacionista. Então, ela me emprestou um livro que era a base teórica do curso PROEPRE<sup>2</sup>, oferecido pela UNICAMP e, percebi que as virtudes são ensinadas na medida em que se proporcionam situações que as afluem, como explica Luciene Regina Paulino: “uma ação virtuosa e, portanto, solidária, é resultado de um juízo equilibrado que consegue, no embate de diferentes pontos de vista, considerar o outro e o próprio” (2002, p. 161).

Na medida em que encarei as situações vivenciadas na creche como objeto de pesquisa e, conseqüentemente, fui buscando respaldo teórico a fim de entender o que

---

<sup>2</sup> Curso de extensão universitária – PROEPRE: Fundamentos teóricos e prática pedagógica para a educação infantil e ensino fundamental.

aconteciam em meu cotidiano escolar, passei a entender como criança constrói regras de convivência, a partir do nosso intermédio e da interação com o meio e com o outro. Bem como observou Assis (2002):

Inicialmente, as crianças eram incapazes de cooperar, quando a professora colocava sobre a mesa as peças do mesmo jogo, com o qual deveriam brincar conjuntamente. A primeira atitude delas era puxar para si a maior quantidade de peças possível, mesmo que seu colega ficasse sem nenhuma (...) as crianças pareciam brincar sozinhas, não levando em consideração as opiniões de seus colegas, parecendo não perceber que sua jogada dependia da jogada do parceiro (...) também, eram incapazes de cumprir as regras do jogo. (2002, p. 174)

É nesse contexto que, busquei o aprimoramento do meu trabalho, no sentido de auxiliar a criança pequena a construir noções de cooperação, de solidariedade, de amizade, de socialização.

Aprimorar o meu trabalho implicou em ler, conversar com minhas colegas de trabalho acerca dessa problemática, observar a criança minuciosamente e procurar entender seu comportamento para depois agir. Sim, porque sabemos que podemos ver a criança bater na outra, mas não ver que ela está revidando o que a outra lhe fez. Longe de afirmar que aceito quando a criança revida, mas também não poderia tratá-la como a criança que bate no outro por motivo banal.

Todavia, sentia que o meu trabalho na creche precisava ser otimizado, eu precisava estudar sobre a criança, sobre “esses seres estranhos dos quais nada se sabe, esses seres selvagens que não compreendem a nossa língua (p. 184)” como disse Larossa (mimeo, s/d). Comecei a minha jornada de estudante no curso de Magistério, muito aprendi e fiquei satisfeita, na medida em que me livreii daquela concepção de criança malvada, que havia adquirido ao longo dos anos de trabalho. É interessante como a prática pode ser tão errada sem uma teoria para respaldá-la...

Foi assim que me senti, quando pude entrar na UNICAMP, através do PROESF e nas primeiras aulas, nos primeiros encontros, nas primeiras aulas magnas, já não era mais aquela professora brava com o menino mau.

Já podia entender o desenvolvimento da criança e perceber como a minha postura repercutia na dinâmica da sala, na maneira que as crianças se tratavam, na maneira que estabeleciam e conduziam as relações interpessoais.

#### 4 – AS CONTRIBUIÇÕES DA FACULDADE

As experiências relatadas por Carolyn Edwards (1999) nas escolas de Reggio Emilia, definem o papel dos professores nesta região da Itália, seu engajamento, suas dificuldades de trabalho entre outras atribuições. Essa autora define o professor como parceiro, como guia... Em seu texto, a autora diz que “o papel do professor centraliza-se na provocação de oportunidades de descobertas” (EDWARDS, 1999: p. 161). É essa provocação, esteve intrínseca no meu trabalho docente. Além disso, nunca deixei de lado o aspecto lúdico de nosso trabalho com as crianças pequenas. Não é, e nunca foi meu intuito escolarizar essa fase da vida marcada pela brincadeira, como afirma Nelson Marcellino (1990). Fazendo uso de suas palavras: “é fundamental que se assegure à criança o tempo e o espaço para que o lúdico seja vivenciado com intensidade capaz de formar a base sólida da criatividade e da participação cultural e, sobretudo, para o exercício do prazer de viver” (1990: p. 73), saliento que é de fundamental importância que a proposta da construção da autonomia seja feita de maneira a respeitar a ludicidade própria da faixa etária de zero a três anos, considerando também as limitações sobre a compreensão de fatores abstratos que são próprios da faixa etária.

Percebi, através das leituras e discussões em sala de aula que o processo de formação do aluno não está apenas naquilo que lhe é transmitido, mas no relacionamento em que este encontra com os parceiros de escola, incluindo o professor. Redundando nas palavras de Sílvio Gallo:

Uma aula de qualquer disciplina constitui-se, assim, em parte do processo de formação do aluno, não pelo discurso que o professor possa fazer, mas pelo posicionamento que assume em seu relacionamento com os alunos, pela participação que suscita neles, pelas novas posturas que eles são chamados a assumir. É claro que esse processo não fica confinado à sala de aula (...) a esse processo global podemos, verdadeiramente, chamar de educação. (2004: p. 20)

Além disso, para ser um dos sujeitos dessa educação que nos refere Sílvio Gallo (2004), é preciso que eu compreenda da criança como um dos sujeitos, também. Debatendo sobre o texto de Sônia Kramer (s/d) nas aulas da disciplina de “Educação de 0 a 6 anos”, atentei para o fato de que, as crianças vivem em uma sociedade desigual, competitiva e que o desafio que eu imaginava estar exposto só a mim, na verdade trata-se um desafio global, um desafio de todos os educadores. Essa autora me fez pensar sobre, a criança como sujeito de direitos, como produtora de cultura, que são capazes de fazer leituras críticas do mundo em que vivem. Sim, como não havia pensado dessa

maneira antes? Quando a criança afirma: “-Meu pai comprou o tênis do Homem-Aranha...”, ou “- Minha mãe me levou no shopping!”, ela está reproduzindo a sociedade consumista na qual ela está inserida. A criança “lê” a vida de seus familiares, percebendo a importância do dinheiro, do consumo, da necessidade de trabalhar muito, etc.

Fiquei feliz ao saber que o trabalho que havia me proposto a fazer tinha fundamento em muitas vivências de professoras, que como eu, se preocupavam em demonstrar às crianças o prazer de viver em conjunto, aceitando as diferenças e sendo aceito por seus diferentes. Pois a escola é: “nosso espaço preferencial de atuação profissional, na medida em que, além de ser um espaço onde as diferenças se encontram, as culturas se cruzam, os excluídos podem ter a vivência da igualdade de acesso e de vivência de aprendizagem escolar”<sup>3</sup>. (TRINDADE, s/d: p. 13)

Garantir a vivência da igualdade não é fácil, garantir um ambiente acolhedor também é um desafio a todos os professores de escola pública. Mas esse ambiente, onde existe o respeito, onde as relações são prazerosas, onde as diferenças não são “mascaradas” e não geram discriminação ou preconceito... Esse ambiente não existirá se a postura do professor não condiz com o que ele transmite, assim como Susanna Mantovani e Rita Montoli Perani (1999) afirmaram: “é mais do que óbvio que um ambiente é sereno para a criança se são também serenos os relacionamentos entre os adultos que a rodeiam” (p.85).

Dessa forma, pude me conscientizar sobre a minha relação com as próprias crianças, com minhas colegas de trabalho, com seus pais... Enfim, precisava assumir uma postura condizente com aquilo que gostaria de inculcar em vossos pensamentos.

Percebi que não estava sozinha nessa jornada, nem mesmo na direção errada. Precisava apenas, de respaldo teórico para agir com meus alunos de maneira adequada. Entendi que o trabalho com as crianças dependia muito mais da maneira que eu as tratava, do que o conteúdo ou metodologia que eu utilizasse. Aprendi que, se o professor quer ensinar o que é respeito, ele precisa respeitar; se ele quer ensinar o que é solidariedade, precisa ser solidário; se ele quer que seus alunos sejam empenhados em aprender, precisa ser empenhado em ensinar.

---

<sup>3</sup> Grifo meu

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita deste Memorial de Formação, bem como esse curso de Pedagogia, trouxe a tona uma pesquisadora que já existia, mas que não conseguia se identificar como tal. Minhas angústias em sala de aula, meus erros e acertos eram parte da construção dessa professora que aprendeu a buscar respaldo teórico para a resolução de seus problemas pedagógicos e, assim aumentando seu repertório teórico.

O que mais impressiona e que deixa eternas marcas é o resultado de uma boa reflexão acerca de seu cotidiano. Procurar enxergar as coisas por outro ângulo, entender as mais corriqueiras situações como objeto de estudo, faz com que desempenhemos nossa função com mais afinco, com mais paixão.

Apesar de nunca ter pensado em ser professora, hoje sou uma professora. Não sou mais uma professora de creche da rede municipal de Americana. Sou a professora Elenir, que é apaixonada pelos seus alunos, apaixonada pela sua função na vida de cada uma delas e apaixonada pelo compromisso que assumiu (mesmo que sem querer) há 16 anos: o compromisso de educar para a vida – vida essa que não se vive só se vive em conjunto.

Para a conclusão desse breve memorial (já que sou fraca em repertório de palavras), escolhi um poema que ressalta, de forma singular, o que penso da escola, das minhas colegas de trabalho e de UNICAMP, da minha diretora e sobretudo, das minhas amadas crianças:

Escola é...  
Lugar onde se faz amigos  
Não se trata só de prédios, salas, quadros,  
Programas, horários, conceitos...  
Escola é, sobretudo, gente,  
Gente que trabalha, que estuda  
Que se alegra, se conhece, se estima.  
Diretor é gente,  
Coordenador é gente, o professor é gente,  
Aluno é gente,  
Cada funcionário é gente.  
E a escola será cada vez melhor  
Na medida em que cada um

Se comporte como colega, amigo, irmão.  
Nada de 'ilha cercada de gente por todos os lados'.  
Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir  
Que não tem amizade a ninguém  
Nada de ser como tijolo que forma a parede,  
Indiferente, frio, só.  
Importante na escola não é estudar, não é só trabalhar,  
É também criar laços de amizade,  
É criar ambiente de camaradagem,  
É conviver, é se 'amarrar nela'!  
Ora, é lógico...  
Numa escola assim vai ser fácil  
Estudar, trabalhar, crescer,  
Fazer amigos, educar-se ser feliz.

**Paulo Freire**

#### 4- BIBLIOGRAFIA

ABRAMOWICZ, Anete. O direito das crianças à educação infantil. In: *PRÓ-POSIÇÕES*. Revista da Faculdade de Educação/Unicamp: vol.14, nº. 3(42) – jan/abr, 2004.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 09-27 e 156- 164.

ASSIS, Mucio Camargo de; ASSIS, Orly Zucatto Mantovani de Assis (orgs.). *PROEPRE: fundamentos teóricos da educação infantil II*. Campinas: Graf. FE; R.Vieira, 2002.

EDWARDS, Carolyn. Parceiro, promotor de crescimento e guia – os papéis dos professores de Reggio em ação. In: EDWARDS, C; GANDINI, L; FORMAN, G. *As cem linguagens da criança. A abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999, p. 159-176.

GALLO, Sílvio. Transversalidade e educação: pensando uma educação não-disciplinar. In: ALVES, Nilda e GARCIA, Regina Leite (orgs.). *O sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, 4ª ed., p. 17-41.

KUHLMANN JR, Moysés. Educando a infância brasileira. In: LOPES, E. M. J.(et al). *500 anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica. 2000.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana*. Mimeo, Cap. 9, p. 183-198.

MARCELLINO, Nelson. *Pedagogia da animação*. Campinas, Papyrus, 1990, Cap. II, p. 53-89.

MANTOVANI, Susanna; PERANI, Rita Montoli. *Uma profissão a ser inventada: o educador de da primeira infância*. In: *PRÓ-POSIÇÕES*. Revista da Faculdade de Educação/Unicamp: vol 10, nº. 1 (28), 1999.

PAULINO, Luciene Regina. Um estudo sobre a construção da solidariedade na escola. In: ASSIS, Mucio Camargo e ASSIS, Orly Zucatto Mantovani (orgs.). *PROEPRE: Fundamentos teóricos da educação infantil II*. Campinas: Graf. FE; R. Vieira, 2002, p. 161-166.

SILVA, Tomaz Tadeu. *A produção social da identidade e da diferença*. In mimeo, p. 73-101.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. *Olhando com o coração e sentindo com o corpo inteiro no cotidiano escolar*. Mimeo, p. 7-16.